

# O Amor Plural

## VI

Cartas de amor tão lindas, tão profundamente humanas!

Em uma dellas, Maria Luiza procura levar Orpheu a "fazer a educação" de Denise antes do seu encontro, porque é indigno "enganar" a quem quer que seja, quanto mais a quem amamos ou a quem nos ama, pois, "por tua culpa, o que deveria ser pura harmonia, torna-se aventura".

Si o amor plural tende a supprimir os crimes passionaes, o exclusivismo do crime animal, já seria admiravel a sua força renovadora do caracter, da dignidade humana, o fazer desaparecer a mentira, as mentiras sem conta, o habito de enganar, a necessidade de illudir para adquirir uma liberdade truncada, para viver aventuras que deixam na bocca o amargo do remorso e do desprezo de si mesmo, o recelo e o pavor de despedaçar, talvez, uma felicidade anterior, quicá insubstituivel.

E supprimir os crimes passionaes, o infanticidio, ensinar o respeito á vida do semelhante não é o sufficiente para fazer admirar e desejar que o amor plural entre nos costumes?

Ignorar o crime, saber respeitar a liberdade integral daquelle ou daquelle a quem amamos, não será

realizar já uma grande felicidade? Não será contribuir directamente para a felicidade de outrem?

E quando amamos bastante, não teremos prazer em ajudar ao bem-amado a realizar a sua felicidade?

Quando sabemos amar, não gosamos uma alegria interior harmoniosa si vemos aquelle a quem amamos aureolado do amor de outro ser?

Não será desejavel chegarmos a amar aquelle que ama o nosso amor? Que superioridade moral a de quem sabe amar assim!

E quando não houver segredos, quando sómente a lealdade predominar no complexo affectivo, todos nós seremos ligados por um reconhecimento indefinido, pela mais deliciosa das gratidões: é o respeito á dignidade humana. Desapparecerá a ironia perversa com que a sociedade trata o que é ludibriado, o que é considerado fraco ou tolerante.

Mas, Han Ryner desnuda a sua sinceridade para quem tem coragem de ouvir a sinceridade e mente com doçura a quem prefere a mentira.

Em relação a Denise, quando se despede para ir vêr Maria Luiza: "Doce sêr facil de contentar-se, porque te perturbar segundo o ideal de Maria Luiza e te forçar a vêr, quando, por instincto ou voluntariamente,

te, tu te desvias?"

A proposito de Irma com suas exigencias descabidas e a quem teve de mentir: "Esse genero de mentira me irrita contra quem me força a pratical-o. Uma das minhas occupações, durante a viagem, foi procurar ter algum remorso: não o consegui."

Mas, quando passou a Denise um telegramma desculpando-se com uma evasiva para ficar um dia mais com Maria Luiza, foi Maria Luiza que, indulgente, disse a Raymond: — "Deixemos aos doentes o tempo do se curar e cedamos sem muito espanto aos seus caprichos. Envie os telegrammas. Na sua proxima visita Orpheu saberá não mais mentir."

— "Tenho o direito e o dever de não dizer o que magoaria", responde Orpheu.

E é sempre essa certeza da sinceridade e essa duvida vaga, doce, piedosa do mimetismo amoroso, essa sinuosidade complexa de uma bella consciencia vivendo a vida íntima das criaturas para amal-as segundo o seu temperamento, a sua força de caracter ou a sua fraqueza incapaz de comprehender.

"As mais fortes deante do trabalho, do poema, da alegria, ante a dôr ou a morte, mostravam-se fracas aqui: "se me enganares (obstinavam-se em dar á palavra "enganar" o sentido pueril) pelo menos que eu não saiba. Amor ou piedade, trate de bem mentir."

"Minha Eurydice nunca desconfiou dos meus outros amores. A mentira me era penosa, era a ella, porém; que a verdade ia ferir cruelmente. "Por vezes eu tinha, como depois de um crime, a ingenuidade de re-

morso. Nas horas da consciencia se revoltava das aprendizadas o eu ta luz, a minha sor-

cia." Que força interior necessaria para que guir, no intimo da cla, o que nos ensina educação, a rotina fazem das nossas crypt fundos, forças contrar vencendo, nas criat nas vulgares, a tradi a influencia ancestr. narcotico para adorm de nós mesmos, o q humano e sincero.

Toda gente se vê simples e admiravel humana. Todas as mesmas expressões de gativa, fidelidade da os homens têm essas mesmas expressões de ciara e risonha para quezas" de cada dia, "peccados" de impeni

Mas, pensar dá tr a consciencia num ba lyzar-se a si mesmo, ros de lesa-felicidad. tar realizar-se é só percorreram os cami foram arrebatados ao no pelo Amôr, pelo Amôr que redime e a o diviniza.

Han Ryner é metanha, mas, não se de sonho unico, nem se dc sonhos que const

ras claras, minha conta-  
tava contra as cou-  
eu via, em sua jus-  
sorridente innocen-

terior formidável é  
que sabíamos distin-  
o da nossa consciên-  
ensinaram, o que a  
ina fez de nós e o que  
cryptas, do Eu pro-  
contrarias em luta,  
criaturas fracas ou  
a tradição, o passado,  
ancestral, deprimente,  
adormecer o que vem  
o que é natural e

ro.  
se vê nessas paginas  
traveis de psychologia  
as mulheres têm as  
sões de fidelidade ne-  
dade da carne, e todos  
n essas phases de re-  
la e essa indulgencia  
a para as suas "fra-  
la dia", para os seus  
impenitentes.

dá trabalho, revolver  
um banho de luz, ana-  
esmo, examinar os er-  
lidade humana, ten-  
e é só dos séres que  
s caminhos da dor e  
ados ao rebanho huma-  
do, pelo puro e santo  
lme e eleva e santifica

é metaphisico livre, so-  
se deixa levar por um  
tem se prende ás cadeias  
e constytem escolas ou

theorias ou seitas ou igrejas. E' mys-  
tico deante da belleza interior, ante  
es deuses que cantam e sonham por  
entre os nossos abysmos de luz. E'  
pagão, pantheista de um pantheismo  
humano na multiplicidade das almas  
cu dos séres que vagam, fluctuantes,  
indecisos uns, realizados outros, den-  
tro da nossa consciencia mysteriosa  
ou da nossa super-consciencia di-  
vina.

Em "Les Pacifiques" define bem  
a sua metaphysica luminosa, a sua  
religião de Harmonia, o seu mysti-  
cismo ante o Amor Universal; deixam-  
os essa adoravel perspectiva para  
quando analyzarmos "Les Pacifi-  
ques" e a maravilhosa concepção da  
Atlantida imaginada pela bondade  
do Mestre amado e admirado.

Sendo profundamente religioso,  
adepto dessa Religião da realizaçã  
interior, religião do "espírito livre"  
que medita, que ama e que sorri",  
Han Ryner fez Maria Luiza sonhar  
um Orpheu mystico, e metaphysico  
nos seus devaneios estellares, vagos,  
ondulantes, procurando os séres que  
sonham o aspiram a realizações mais  
altas, nas cathedraes de sonhos re-  
flectidas nos oasis da nossa vida  
affectiva de deuses involuidos em  
procura de si mesmos... Cuidado, ó  
almas que vos buscaes:

A's vezes, é essa mesma belleza  
interior, essa inquietação tormentosa,  
essa procura de si proprio que nos  
faz deixar escapar a hora presente,  
correndo atrás de miragens que se  
evaporam e criam outras miragens.  
roubando-nos o momento que passa,  
na angustiosa precisão da duvida e  
da ansiedade de quem se perdeu no

labyrintho de si mesmo. E' a razão  
por que tambem os grandes amores  
nem sempre se entendem. Muitos  
são os caminhos e as ansiedades, as  
torturas são tantas que as encrazi-  
lhadas se bifurcam em direcções que  
se afastam...

Como é difficil a realização inte-  
rior e como é bella se queremos, ao  
mesmo tempo, espalhar a felicidade e  
manter um equilibrio elegante e har-  
monioso na defesa da nossa propria  
felicidade.

E que boa vontade é precisa, que  
Amor profundo deve existir para dois  
séres superiores se quiserem muito  
amorosamente, apesar das circum-  
stancias da vida, mau grado a inquie-  
tação angustiosa da tormenta inte-  
rior de cada um, embora a conspira-  
ção de tudo quanto contribue para os  
afastar após o primeiro beijo e as  
primeiras deliciosas intimidades.

E' necessaria a fusão das duas al-  
mas no desejo intenso de agradar,  
de acariciar, de se despersonalizar,  
mantendo a individualidade, de evi-  
tar qualquer atrito capaz de deixar  
a magua, a duvida, a incerteza da  
sinceridade reciproca.

E é dentro da Lei Cosmica de Gra-

vação Universal, dentro das leis  
atomicas de "afinidade electiva", é  
dentro das Leis Naturaes que o Amor  
traça as suas orbitas incommensura-  
veis e desconhecidas para nós, e  
vive o mysterio das correntes de at-  
racção, systema planetarib cuja ma-  
jestosa belleza escapa á percepção da  
nossa mentalidade fechada para al-  
çar a alturas tão surprehenderes,  
curta para escalar esses abysmos de  
luz e de eternidade.

Mas, desde que appareçam, que  
saltem aos olhos as differenças pro-  
fundas entre dois temperamentos de  
individuos, desde que a afinidade  
não vá aos mais reconditos sentimen-  
tos e ás idéas mais geraes, parece  
irreconciliavel esse grande amor en-  
tre os dois séres que se não conhe-  
ciam bem, que se enganaram, tal-  
vez.

Mas, ficará a super-amizade e a  
doce recordação de uma illusão bem  
viva ainda, transmutada na delicada  
intimidade de duas almas que conti-  
nuam a se querer, livremente, que se  
não esquecem, que se prodigalizam  
alegrias de natureza tambem super-  
rior, nobres, duradouras.

(Continua amanhã)

*Maria Lacerda de Moura*

